

Uma Leitura Descolonial Sobre O Curso Narrativo da Modernidade: discursos, retóricas e a história oficial

Una Lectura Decolonial Sobre El Curso Narrativa de la Modernidad: discursos, retóricas y la historia oficial

Tiago Osiro Linhar¹
Edgar César Nolasco²

Resumo

Este trabalho propõe abordar o percurso narrativo que fez do ocidente o centro do mundo e que trouxe, com isso, consequências como o racismo, o atraso (para determinados povos) e, sobretudo, a exterioridade. Sendo assim, enfatizaremos as narrativas que constituíram um ideal eurocêntrico de mundo, articuladas não só por meio dos discursos classificatórios, mas, também, pelas retóricas da modernidade e, principalmente, pelo sentido eurocêntrico dado a uma história nomeadamente “oficial” que se pretendia universal. O objetivo maior desta pesquisa é fazermos leituras críticas sobre os artifícios das narrativas da modernidade e, por intermédio de uma perspectiva outra, descolonizarmos de certos preceitos tidos como verdades absolutas.

Palavras-chave: Narrativas, Eurocentrismo, Descolonial

Resumen

Este trabajo se propone acercarnos a la trayectoria narrativa que hizo de Occidente el centro del mundo y que trajo consigo consecuencias como el racismo, el atraso (para ciertos pueblos) y, sobre todo, la exterioridad. Así, enfatizaremos las narrativas que constituyeron un ideal eurocéntrico del mundo, articuladas no solo por medio de discursos clasificatorios, sino también por la retórica de la modernidad y, principalmente, por el sentido eurocéntrico dado a una historia nombradamente “oficial” que pretende ser universal. El objetivo principal de esta investigación es realizar lecturas críticas sobre los artificios de las narrativas de la modernidad y, desde una perspectiva otra, descolonizar ciertos preceptos considerados como verdades absolutas.

Palabras-clave: Narrativas, Eurocentrismo, Decolonial

1. Introdução

A partir de uma perspectiva descolonial e fronteiriça (NOLASCO, 2017), propomos uma leitura acerca do modelo eurocêntrico de se construir as narrativas pelas quais engendraram boa parte da humanidade. Narrativas que, entre outras coisas, projetou a Europa como o centro do mundo e omitiu outras possíveis histórias. Não é demais afirmar que por todo o mundo se aprende e se ensina a história “universal” dividida em três períodos, a saber, a Antiguidade, a Idade Média e a Modernidade. No entanto, esse é o exemplo mais claro da pretensão europeia de ser o centro e o fim da história (dita) universal. Embasamo-nos, todavia, na premissa de que a Antiguidade não

¹ Doutorando em Estudos de Linguagens pela UFMS. Membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC). E-mail: tiagooliar@hotmail.com

² Doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil (2003). Professor Adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Coordenador do NECC - Núcleo de Estudos Culturais Comparados. E-mail: ecnolasco@uol.com.br

fora senão uma invenção dos românticos alemães do final do século XVIII e o período Medieval aconteceu única e exclusivamente na Europa e em nenhuma outra parte do mundo.

Contudo, nos interessa aqui não apenas esse aspecto universal da história, mas também os efeitos e as consequências que trouxeram tal projeto narrativo para toda a humanidade. Para tanto, dividiremos o trabalho em seções que compreendem as narrativas da modernidade, as quais serão fragmentadas a partir dos *discursos* que criaram categorias humanas pelo racismo, passando pelas retóricas as quais de forma eufêmica justificaram a inferioridade de uns indivíduos em detrimento de outros e, finalmente, a História oficial que atribuiu maior credibilidade a todos estes recursos narrativos.

2. O primeiro discurso

Portanto, abriremos a discussão com os “discursos” eurocêtricos, os quais estão em estreita relação com a classificação racial. No entanto, não nos interessa afirmarmos que o racismo exista, ou abordar um termo tão em voga como o “racismo estrutural”, mas sim propomos tomar o racismo a partir das seguintes indagações: onde isso começou? quem inventou? e para que serve o racismo? Com o intuito de respondermos a estas perguntas, ancoramo-nos a uma perspectiva de Ramón Grosfoguel que afirma que o racismo vem do *discurso* cristão arraigado a uma noção de “pureza de sangue”. Segundo o intelectual porto-riquenho:

El discurso estatal español de la “pureza de sangre” se usó para vigilar a las poblaciones musulmanas y judías que sobrevivieron a las masacres. [...] La clasificación social usada en la época tenía relación con una cuestión teológica de tener el “Dios equivocado” o la “religión errada” para estratificar la sociedad en líneas religiosas. En suma, lo que importa aquí es que el discurso de la “pureza de sangre” usado en la conquista de Al-Andalus fue una forma de discriminación religiosa que aún no era plenamente racista porque no ponía en duda de manera profunda la humanidad de sus víctimas (GROSFOGUEL, 2013, p. 40-41).

No entanto, é com a chegada dos cristãos europeus às Américas que tal discurso ganha o sentido racial. Em suma, a partir do contato com povos distintos nasce a concepção “classificatória” da humanidade, a qual compreende como diferenças a cor da pele e, assim, coloca em dúvida, de maneira profunda, a humanidade de suas vítimas.

2.1 Dos discursos às retóricas

Do discurso, passaremos às retóricas da modernidade. Sustentaremos, assim, que esse artifício narrativo serviu unicamente para forjar uma ideia de atraso entre os indivíduos que habitam a exterioridade do sistema mundial colonial/moderno. Para tanto, nos ancoraremos aos postulados de Walter Mignolo que trouxe à luz os mecanismos da retórica da modernidade. Nesse sentido, segundo o autor argentino:

Modernidad pasó a ser – en relación con el mundo no europeo – sinónimo de salvación y novedad. Desde el Renacimiento hasta la Ilustración, la modernidad tuvo como punta de lanza la teología cristiana, así como el humanismo secular renacentista (todavía vinculado con la teología). La retórica de salvación por medio de la conversión al cristianismo se tradujo en una retórica de salvación por medio de la misión civilizadora a partir del siglo XVIII, cuando el Reino Unido y Francia desplazaron a España en el liderazgo de la expansión imperial/colonial occidental. La retórica de la novedad se complementó con la idea de progreso. Salvación, novedad y progreso tomaron un nuevo rumbo – y adoptaron un nuevo vocabulario – después de la Segunda Guerra Mundial, cuando Estados Unidos arrebató el liderazgo al Reino Unido y Francia, dio apoyo a la

lucha por la descolonización en África y Asia e inició un proyecto económico global bajo el nombre de “desarrollo y modernización”. Hoy conocemos bien cuáles son las consecuencias de la salvación por medio del desarrollo. La nueva versión de esta retórica, “globalización y libre comercio”, es la que se está disputando actualmente. Por lo tanto, desde las perspectivas descoloniales, estas cuatro etapas y versiones de la salvación y la novedad coexisten hoy en forma de acumulación diacrónica; aunque desde la perspectiva (pos) moderna y la narrativa autocreada de la modernidad, basada en la celebración de la salvación y de la novedad, cada etapa sustituye a la anterior y la hace obsoleta: esto se fundamenta en la novedad y en la propia tradición de la modernidad. En la ficción narrativa moderna, no hay acumulación sino superación. Y no hay coexistencia sino solo la marcha única y triunfante de la ficción moderna: desarrollo, bienestar y felicidad (MIGNOLO, 2015, p. 33-34).

Portanto, as retóricas modernas abrem uma senda que somente alguns poucos eleitos podem trilhar. Deixando de fora a grande maioria da humanidade e, por consequência, criando uma ideia de atraso (para os que ficaram de fora) com relação ao suposto “centro do mundo”. Para dar uma ideia de que as dificuldades são etapas superáveis, as retóricas incutem uma fórmula de superação do atraso que tem como precedente a salvação pela conversão ao cristianismo.

2.2 A história europeia que se oficializou

Finalmente, a base dessas duas perspectivas da narrativa moderna, segundo nossa pesquisa, foi sustentada pelo desenrolar da história oficial. E assim a chamamos por que o mundo todo a aprendeu e a ensinou da mesma forma, como mencionado no primeiro parágrafo, partindo da Antiguidade, depois a Idade Média e, por fim, a Modernidade. No entanto, Walter Benjamin, em sua tese doutoral, transcreve uma citação de Novalis (um crítico romântico alemão) que confessa, ele mesmo, que a Antiguidade foi uma invenção romântica:

Natureza e inteligência da natureza surgem ao mesmo tempo, assim como a Antiguidade e o conhecimento da Antiguidade; pois *erra-se muito quando se acredita que existe a antiguidade*. Apenas agora a Antiguidade começa a surgir [...]. Com a literatura clássica se passa como com a Antiguidade; ela não é propriamente dada a nós, *ela não é existente*, mas, antes, *ela deve ser produzida apenas agora por nós*. Através do estudo assíduo e espirituoso dos antigos surge apenas agora uma literatura clássica para nós a qual os antigos mesmos não possuíam [...] *Os Antigos são ao mesmo tempo produtos do futuro e do passado* [...] Existe uma Antiguidade central ou um espírito *universal* da Antiguidade? (NOVALIS *Apud* BENJAMIN, 2018, p. 120, grifos nossos).

Portanto, o filósofo romântico assume que foram eles, os românticos alemães, que “inventaram” a Antiguidade, com a finalidade de eleger a cultura grega como o modelo de cultura e civilização. Desse modo, omitiu-se que a Grécia, na esteira de Enrique Dussel, não passava de uma colônia de Saís. Contudo, Saís foi a cidade mais importante do Egito daquele então, e curiosamente, seus habitantes mais renomados adivinham do sul da África, ou seja, eram negros. Assim, concluímos que a cultura helênica teve origem negra.

Por fim a história universal ganha vigor com Hegel. Resumidamente, na perspectiva de Dussel:

Esta posición eurocéntrica que se formula por primera vez a finales del siglo XVIII, con los “románticos” alemanes [...], reinterpretó toda la historia mundial, proyectando hacia el pasado a Europa como “centro” e intentando demostrar que todo había sido preparado en la historia universal para que dicha Europa fuera “el fin y el centro de la historia mundial”, al decir de Hegel. (DUSSEL, 2007, p.143).

Essa reinterpretação da história trouxe consequências que ainda não conseguimos superar. No entanto, propomos que para compreender fenômenos como o racismo, o atraso e o problema de um universalismo que não nos cabe, ou melhor, que nos deixa de fora da história, é necessária uma leitura descolonial, a qual explica que não somos um problema que desequilibra a ordem do mundo, mas, ao contrário, fomos vítimas de perversos mecanismos narrativos que nos predestinaram à categoria de *anthropos*, como afirma Walter Mignolo (2017).

Referências:

BENJAMIN, Walter. *O conceito de crítica de arte no Romantismo alemão*. São Paulo: Iluminuras, 2018.

DUSSEL, Enrique. *Política de la liberación: historia y crítica*. Madrid: Editorial Trotta, 2007.

GROSFOGUEL, Ramón. Racismo/sexismo epistémico, universidades occidentalizadas y los cuatro genocidios/epistemicidios del largo siglo XVI. *Revista Tábula Rasa*, Bogotá, n. 19, p. 31-58, jul/dez 2013.

MIGNOLO, Walter D. Desafios decoloniais hoje. *Revista Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, v.1, n.1, p. 12-32, 2017.

_____. *Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad*. Prólogo y selección de Francisco Carballo y Luis Alfonso Herrera Robles. Barcelona: Editora Fundación CIDOB, 2015.

NOLASCO, Edgar César (org.). *Fronteiras platinas em Mato Grosso do Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia)*. Campinas: Editora Pontes, 2017.